



MEMÓRIA TECIDA PELA FÉ: OS CATECISMOS BILÍNGUES DOS JESUÍTAS

Maria Cleidiana Oliveira de Almeida¹
Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro²
Camila Nunes Duarte Silveira³

É sabido que os jesuítas foram os responsáveis oficiais pela educação brasileira, durante boa parte do período colonial. Esse conhecimento tornou o estudo da Ordem referência no meio acadêmico especialmente para aqueles que estudam os primórdios da educação brasileira. Embora muitos estudiosos tenham direcionado seus estudos para o estudo da Ordem e a pedagogia jesuítica, os catecismos, importantes recursos utilizados na ação missionária jesuítica, mesmo sendo fontes históricas particularmente ricas, foram pouco estudados pela historiografia brasileira. Esse entendimento nos fez inferir que estudar a memória dos catecismos estabelecidos pelos jesuítas no Brasil colonial, bem como a rede de relações sincrônicas e diacrônicas que envolveram a elaboração e a inserção de tais recursos de catequese em terras brasileiras poderia coadjuvar com o meio acadêmico.

Em decorrência da natureza histórico-documental de nosso trabalho, utilizaremos como principal recurso a análise das fontes documentais escritas. A percepção de que é no conteúdo de suas fontes, por via de regra, que um pesquisador encontra os principais elementos de compreensão da problemática que norteia suas pesquisas nos levou a acreditar que, ao analisarmos os catecismos jesuíticos, tanto os seus conteúdos, quanto suas estruturas textuais, públicos alvos e formas de ensino, poderíamos dar inteligibilidade às questões que nos propusemos a responder, dentre elas, a análise de catecismos bilíngues destinados aos indígenas brasileiros.

1 Professora, efetiva de História do Instituto Federal da Bahia (IFBA), campus Vitória da Conquista; Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: cleidinha.prof@yahoo.com.br

2 Professora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Doutora em Educação pela UFBA e Pós-Doutora em Educação pela UNICAMP. É pesquisadora vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas História, Educação e Sociedade no Brasil – HISTEDBR e ao Museu Pedagógico, no qual coordena o Grupo de Pesquisa Fundamentos em Memória, Religião, Imagem e Educação. Endereço eletrônico: apcasimiro@oi.com.br.

3 Doutoranda em Memória: Linguagem e Sociedade e Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Membro do grupo de Pesquisa: Fundamentos em Memória, Religião, Imagem e Educação - Museu Pedagógico – UESB. Endereço eletrônico: mila-ped@hotmail.com



A palavra catecismo deriva do latim *catechismus*, e esta, por sua vez, do termo grego Κατήχισμος (*Katekísmós*), que significa instrução, que provém do verbo Κάτηχέω (*katekéô*) que, literalmente, significa ‘fazer ressoar’, ‘fazer eco’, ‘fazer ressoar como um eco’. Ou seja, o anúncio da salvação, o *Kerigma*, deveria provocar ‘eco’ no espírito e no coração do catecúmeno, para transformar sua vida e consolidar o trabalho da Κατήχισις (*katekesis*) (BELINQUETE, 2011, pp.162-163).

Ainda segundo o referido autor (2011, p.165), desde sua origem, a Igreja apostólica sentiu a necessidade de exprimir e transmitir a sua fé em fórmulas breves e normativas que atendessem a todos. A Igreja começou então a recolher o essencial da sua fé em resumos orgânicos e articulados, destinados, sobretudo, aos candidatos ao batismo. Esses escritos dariam posteriormente origem aos catecismos.

Podemos então inferir que os catecismos, livros elementares para a organização e sistematização da formação cristã, foram instrumentos usados no processo de catequização e possuem uma longa história, talvez tão longa quanto à própria história da Igreja. Presentes ao longo da sua trajetória, os catecismos tornaram-se preciosas memórias de sua tradição, ou seja, uma memória de seus ensinamentos, de suas metodologias, de suas linguagens e de suas técnicas de formação cristã, da qual a Igreja nunca se descuidou.

É importante destacar que estes catecismos eram elaborados com o objetivo de instruir os catecúmenos, mas, também, objetivavam a iluminar situações e problemas que porventura se colocassem no caminho da Igreja. Ou, mesmo, resolver problemas do Estado, ao qual a Igreja se associou em vários contextos. Os catecismos sofriam, pois, influxos dos contextos históricos no qual eram elaborados.

No período medieval, por exemplo, o ensinamento da doutrina e a formação de hábitos cristãos não careceram de centros específicos para tal fim. A própria sociedade devia ser cristã, a forma de catequese estava impressa e transmitida nas pregações, nos escritos dos teólogos, nas rezas, nas devoções, no teatro, na música, etc. O que não excluía o aparecimento de “septenários” e “elucidários” da doutrina cristã, que eram formas primitivas de catecismos (LUSTOSA, 1992, p.10).

A modernidade trouxe consigo o renascimento, o humanismo, a reforma protestante, a expansão marítima e a invenção da imprensa. Em meio a tantas transformações, o cristianismo medieval foi questionado e colocado em cheque, o que levou a Igreja a estabelecer uma nova fase de institucionalização da catequese. Esta nova fase foi marcada pelo surgimento de colégios e pela impressão de manuais ou catecismos que facilitariam a doutrinação. Foi justamente no momento em que esses manuais de catequização impressos estavam surgindo que o Brasil foi descoberto e sua colonização iniciada.



Inicialmente, apenas os jesuítas receberam autorização da Coroa portuguesa para atuarem como evangelizadores dos povos indígenas do Brasil. Escolhida pelo monarca D. João III (1502-1557), a Companhia de Jesus foi encarregada oficialmente da missão de transformar os índios em súditos da Coroa lusa, mediante a conversão (AZZI, 2008, p.13). Somente com o início da União das Coroas Ibéricas em 1580, ocorreu o ingresso de outras ordens religiosas no Brasil, como: franciscanos, beneditinos, carmelitas, mercedários e capuchinhos. Estes religiosos que aqui atuaram, publicaram catecismos de toda sorte para ajudar no mister da catequização.

Nas aldeias e cidades emergentes, os jesuítas estabeleceram colégios que, além do ensinamento cristão, instruíam os filhos dos colonos que almejavam assumir lideranças políticas ou, mesmo, ingressar na Ordem. Nos colégios ocorria uma catequese mais tradicional, reforçada pelas prescrições do Concílio de Trento (sessões XXIV e XXV) que havia dado normas obrigatórias para o processo de catequese e, mais ainda, imposto a obrigatoriedade do *Catecismo Romano*. Segundo Pires, a obrigatoriedade do *Catecismo Romano* para os párocos era insistentemente lembrada através dos documentos pontifícios e dos Regulamentos e Constituições Diocesanas (1951, p. 405).

A catequese tradicional desenvolvida nas escolas e colégios dos jesuítas poderia também ser destinada aos mamelucos, e a algumas crianças indígenas. Os negros ficavam de fora, sendo alvo de uma evangelização sumária e emergencial, muitas vezes, sob a responsabilidade dos senhores de engenho (LUSTOSA, 1992, p. 59). Somente em 1707, as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* apresentaram um pequeno catecismo chamado de **Forma da doutrina cristã**, destinado a todos e outro mais abreviado, destinado especialmente aos negros.

Ao perceber a diversidade de etnias e culturas indígenas, cuja distinção foi se revelando mais notória na medida em que as expedições se voltavam para o interior, os jesuítas adotaram novas estratégias de atuação que facilitassem o processo de conversão dos índios. Aproveitando o domínio da língua tupi e de outros dialetos aprendidos, os padres ampliaram as experiências catequéticas com técnicas e métodos diversificados. Peças teatrais, procissões, músicas e danças passaram a integrar o quadro pedagógico de uma catequese que foi se tornando muito mais atraente aos índios e que não poupava esforços na tentativa de sedução dos índios para a vida cristã (LUSTOSA, 1992, p. 32).

Outra estratégia utilizada foi à composição de catecismos bilíngues (português e língua vernácula). O padre Luiz Vincêncio Mamiani, por exemplo, compôs um desses catecismos na língua da nação Kiriri. Na primeira parte do catecismo de Mamiani são apresentados os primeiros elementos da fé cristã, em duas colunas, sendo a primeira na



língua kiriri e a segunda em português da época. Segue, abaixo, a oração da Ave Maria encontrada no catecismo de Mamiani e sua respectiva tradução:

Kiriri - Ave Maria motóté dó graça, pídecuféáeyembohó; canghi, crubyewatçãbótizitéá; canghicrubyenhurã dó Jesus. Bó Santa Maria dó idé Tupã dó eméfó Tupã hidiohódédibuãnghéri dó ighy, nó hinhánatéighidé nó dehedi. Amen Jesu. **Português** - Ave Maria chea de graça, o Senhor he contigo, benta es tu em as mulheres; bento he o fruto do teu ventre Jesus. Santa Maria MÃY de Deos, roga por nós pecadores agora & na hora de noffa morte. Amen JESUS (MAMIANI, 1698).

Já a autoria do primeiro texto em tupi é atribuída a José de Anchieta, jesuíta que se destacou por sua rica produção literária. Ao compararmos o modelo⁴ que circulava na Europa com o catecismo de Anchieta que circulava no Brasil, é possível identificar algumas diferenças substanciais entre eles. O material catequético utilizado no Brasil eram compêndios doutrinários muito simples. A ‘suma de fé’, nesses catecismos, não era apresentada em um texto fundamentado em teses teológicas, como ocorria na Europa. Pelo contrário, as ideias doutrinárias eram apresentadas na forma dialogal (perguntas e respostas):

M. Como é que a gente irá para o céu? D. Credo em Deus, no batismo da gente feito outrora por Deus, santificando-se, vivendo segundo a lei de Deus também? M. E credes em Deus? D. Creio. M. A que chamamos Deus? D. Ao criador de todas as coisas (ANCHIETA, 1992, p.133).

No *Catecismo Brasílico* de Anchieta, o conteúdo era esvaziado do confronto de ideias. Provavelmente como recurso didático para facilitar a memorização dos conteúdos. As perguntas eram na verdade “pseudoperguntas” uma vez que faziam afirmações em forma de perguntas. Cabendo ao missionário através do breve compêndio apenas transmiti-las, como parte dos ensinamentos cristãos, não levando seus interlocutores a uma reflexão. Outro recurso de persuasão retórica era levar o catecúmeno a introjetar o conteúdo por meio de várias perguntas, sendo que muitas delas tinham as mesmas respostas. Geralmente eram respostas curtas, que mesmo sendo diferentes buscavam confirmar um mesmo pressuposto enunciado de forma diferente:

4 Usamos para essa análise inicial o *Catecismo Romano* escrito por decisão do Concílio de Trento (1545-1563). Ressaltamos que os catecismos da época Moderna eram escritos a partir de um padrão delineado pela cúria romana, o que os tornavam um compêndio doutrinário com poucas variações na forma de escrita e temas abordados (MARTINS, 1951, p.19-20).



M. Quem é criador do mundo? D. Deus. M. De que o fez? D. De nada. M. De nada fez o céu e a terra? D. De nada. M. Deus só é princípio de todas as coisas? D. Deus só. M. Havia alguma coisa antes de Deus criar o mundo? D. Nada havia (ANCHIETA, 1992, p.148).

A partir da análise do catecismo de Anchieta, também percebemos que ocorria uma tendência, nessa época, em secundarizar a doutrina e dar prioridade à prática de ensinamentos morais. Os textos catequéticos visavam eliminar crenças e hábitos que levavam os índios a terem um modo de vida desaprovado, considerado pecaminoso, como a antropofagia, a poligamia, o ócio, dentre outros. No catecismo de Anchieta, por exemplo, são encontrados trinta e nove conjuntos de perguntas e respostas sobre o sacramento do matrimônio (ANCHIETA, 1992, p.154).

Demonstrar que os catecismos bilíngues, criados pelos jesuítas e inseridos na colônia portuguesa da América, no período colonial, foram herdeiros de uma memória coletiva cristã milenar, porém, com adaptações adequadas às situações distintas, foi um dos objetivos dessa pesquisa. Uma memória coletiva que, mantida pelo sentimento de pertencimento cristão, vem perpassando a longa trajetória da Igreja Católica. Concluímos então, que a tradição cristã dos primeiros séculos e dos demais períodos da história da Igreja com suas imensas riquezas sempre estiveram presentes, inspirando a teologia da Igreja Católica, mas, sempre sofrendo influxos de épocas e lugares distintos, orientando, de acordo com as interpretações e interesses de cada contexto, as ações e modelos adotados pela Igreja, como pudemos observarmos nos catecismos inseridos no Brasil no início da Modernidade.

Palavras-Chave: Catecismos. Jesuítas. Brasil Colônia. Memória.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, José de (S.J.). **Doutrina Cristã:** catecismo brasílico. Texto em Tupi e Português. Introdução, tradução e notas de Armando Cardoso (S.J.). T.1. São Paulo. Editora: Loyola, 1992.



BELINQUETE, José. História da Catequese, Vol.I, Portugal: Gráfica de Coimbra, 2011.

AZZI, Riolando. **A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira**. São Paulo. Editora: Santuário, 2008.

LUSTOSA, Oscar F. **Catequese Católica no Brasil**: para uma história evangelizadora. São Paulo. Edições: Paulinas, 1992.

MAMIANI, Luís Vincencio. **Catecismo da doutrina christã na Brasilica** língua da Nação **Kiriri**. Lisboa: Miguel Deslandes, 1698. Disponível em: <http://biblio.etnolinguistica.org/mamiani-1698-catecismo>. Acesso em: 25 de março de 2017.

PIRES, Martins Leopoldo. **Catecismo Romano**, Petrópolis: Vozes, 1951.